

Uma prática em outro(s) espaço(s): escrita e reescrita de textos no ambiente virtual orkut

A practice in other(s) space(s): writing and rewriting of texts in virtual environment orkut

Raquel Salek Fiad *

Flávia Danielle Sordi Silva **

RESUMO: O objetivo deste trabalho, que se insere em uma pesquisa maior de mestrado, é estudar a dinâmica discursiva de comunidades virtuais do ambiente Orkut cujos temas tangem escrita e reescrita de textos, analisando situações de produção textual de usuários da rede. Em paralelo, pretende-se examinar articulações dessas produções on-line com o universo off-line. Neste artigo, considerando a ideia de que "escrever é oferecer algo para ler" (MARCUSCHI, 2005), centramo-nos na investigação do princípio de "co-avaliação" (CABRAL, 1994) como peculiaridade relevante nas atividades de escrita observadas no Orkut, posto que, neste, foram encontrados enunciados construídos conjuntamente, a partir de correções públicas e processos de reescrita.

PALAVRAS-CHAVE: Letramento Digital. Escrita. Reescrita.

ABSTRACT: This research aims at examining virtual Orkut communities whose topics permeate the writing or rewriting of texts, as well as analyzing the textual productions of their members and also the respective corrections of those done and available in such social network, in order to observe the peculiarities of these texts which circulate in the virtual world. Moreover, it intends to investigate the reflexes in what is known as

* Possui graduação em Letras pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (1969), mestrado em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (1975) e doutorado em Linguística pela State University of New York (1980). Atualmente, é Professora MS-5 da Universidade Estadual de Campinas. E-mail: rfiad@terra.com.br

** Possui graduação em Letras pela Universidade Estadual de Campinas (2008). Atualmente é mestranda no programa de pós-graduação do departamento de Linguística Aplicada do IEL-Unicamp. E-mail: flaviasordi@gmail.com

the real world, since such productions are inevitably originated in the school universe and to it return somehow. Considering the concept that “the act of writing is the offer of something to read” (MARCUSCHI, 2005), the compositions made available by members of this social network can be classified as texts for various interlocutors, which allow the analyses of the levels of the textual production of what has been written; the criteria used to evaluate these productions and even the opinions these people have of the act of writing.

KEYWORDS: Digital Literacy. Writing. Rewriting.

Introdução

Pessoalmente, trato a Internet como um suporte que alberga e conduz gêneros dos mais diversos formatos. A Internet contém todos os gêneros possíveis. (MARCUSCHI, 2003, p. 25).

Muitas são as mudanças trazidas pelas novas tecnologias digitais e, hoje, mais do que em qualquer outra época, “novas realidades virtuais” parecem emergir, entre as quais, talvez a mais conhecida e discutida seja o *ciberespaço*¹ (LANKSHEAR; LEANDER, 2005). De acordo com Santaella, a tecnologia informática juntamente com a telecomunicação propicia que informações ultrapassem barreiras físicas “conectando potencialmente qualquer ser humano no globo numa mesma rede gigantesca de transmissão e acesso que vem sendo chamada de ciberespaço” (SANTAELLA, 2003, p. 71).

Assim, nessa complexa e ampla rede deparamo-nos com um elemento – a Internet –que criado para programas de aplicação militar (embora nunca tenha sido utilizada nesse contexto), teve, para seu desenvolvimento, a contribuição de movimentos libertários que procuravam por instrumentos de independência e autonomia em relação a Estados e empresas; sendo, anos mais tarde, apresentada e relacionada à sociedade pela cultura empresarial e,

¹ Segundo Pierre Levy o termo *ciberespaço* refere-se não somente ao aspecto material da comunicação digital, como também ao universo das informações que contém e aos seus usuários. In: LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. (trad.). Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 2003.

encontra-se, atualmente, como “um meio para tudo que interage com o conjunto da sociedade” (CASTELLS, 2004, p. 255).

A *WWW (World Wide Web)* está presente na vida de milhares de pessoas em todo o planeta, perpassando contextos variados como educação, trabalho, economia, política, relações pessoais, entre outros. Na contemporaneidade, existe a possibilidade de realizarmos a maioria das atividades virtualmente: compras, cursos universitários, comunicação com amigos e até mesmo a manutenção de relacionamentos afetivos.

Nesse sentido, como não poderia deixar de ser, a rede digital também comporta práticas relacionadas ao contexto escolar, sobretudo, as de escrita para o qual este está bastante voltado em atividades tais como leitura, cópia, transcrição e produção de textos. A diferença parece ser que essas práticas, na Internet, contam com o acréscimo da agilidade, colaboração em grupo e o hibridismo de diversos gêneros, uma vez que imagens, sons, vídeos e várias mídias estão fácil e estritamente em conexão, permitindo a emergência de novos e múltiplos significados, o que convencionalmente se denomina *hipermodalidade*. (LEMKE, 2002).

Diante de todas essas novas e intrigantes possibilidades tecnológicas e mudanças propiciadas por elas, gostaríamos de discutir, neste texto, sobre as peculiaridades da escrita e reescrita de textos no ambiente virtual Orkut e suas relações o mundo dito real, especialmente a escola, onde escrever ainda é a atividade central e geradora de todas as demais tarefas, dado que vivemos em uma sociedade *grafocêntrica* cujas instituições escolares convertem-se em um de seus mais consideráveis representantes.

Um espaço

No Orkut eu tenho contato com muita gente que têm as mesmas idéias que eu, gente que joga dos mesmos jogos que eu, gente que

curte as mesmas músicas que eu, sei lá, no Orkut eu me sinto meio em casa.²

Quem nunca ouviu um brasileiro, sobretudo entre os jovens, comentar a respeito de uma comunidade virtual da qual participa no Orkut, sobre um amigo que adicionou recentemente ou mesmo pôde presenciar como eles dispensam horas e horas conectados a essa rede social?

Acessível no ciberespaço por intermédio do endereço eletrônico www.orkut.com, este *site* de relacionamento, criado em 2003, pelo engenheiro homônimo Orkut Buyukkokten, da empresa Google, teve, alguns meses depois do início de seu funcionamento, uma forte aceitação pelos usuários da internet no Brasil³ e localiza-se, atualmente, entre os ambientes virtuais de maior destaque no país, ao lado de redes sociais como o *Twitter* e o *Facebook*, porém, sendo ainda a mais utilizada delas em território nacional na época em que os registros foram gravados⁴.

Ao navegarmos pelos caminhos do Orkut, podemos encontrar, participar e até mesmo criar um incrível número de comunidades virtuais que são divididas em mais de vinte categorias, previamente definidas pelo *site*, tais como "Entretenimento", "Religião", "Esporte" e "Escolas". Ao visitá-las é possível perceber que, em todas elas, os membros têm de ler e escrever para participarem de seus fóruns, exercendo uma intensa atividade em torno da leitura e escrita. Ademais, em uma busca ainda que superficial, nota-se como,

² Comentário feito por um usuário do Orkut na comunidade "Eu adoro o Orkut" em 24/01/2005 e transcrito literalmente.

³ Informações encontradas em: <http://blog.orkut.com>.

⁴ Alexa e Google divulgaram dados a partir dos quais foi possível elaborar um mapa com as redes sociais mais utilizadas em cada país. Embora o *Facebook* fosse a rede preponderante na maioria das nações, o Orkut dominava no Brasil na época que os registros foram gravados, ou seja, até o ano de 2010. Informações extraídas de "Mapa mostra qual a rede social mais utilizada em cada país", disponível em <http://tecnologia.pt.msn.com/noticias/article.aspx?cp-documentid=151470756>. Consultado em 04-02-2010. Além disso, em pesquisa realizada pelo *IBOPE Inteligência* juntamente a *Worldwide Independent Network of Market Research (WIN)* a respeito do acesso a redes sociais em nível global, pudemos constatar, a partir de entrevista exclusiva com a diretora executiva Laure Castelneau (Julho/2010), que o Orkut era a preferida dos brasileiros em 2010, embora o uso do *Facebook* tenha crescido sobremaneira de 2011 em diante.

leitura e escrita, além de práticas, são, inclusive, temas frequentes de várias delas⁵.

Nesse sentido, a partir da ideia de que práticas de escrita se apropriam dos meios virtuais, desenvolvendo-se e alargando-se neles, resulta indispensável a investigação da maneira pela qual circulam na Internet. Para tanto é, pois, igualmente impreterível examinar a organização dos ambientes em que tais atividades são realizadas, isto é, as “comunidades virtuais”.

Muitos estudiosos buscam definir teoricamente uma comunidade desse tipo e toda uma literatura (ainda que com concepções e a partir de reflexões distintas) aborda essas novas ferramentas e seus usos nos meios digitais, constituindo-se em torno da tão polêmica expressão *letramento digital*⁶.

Assim, alguns teóricos acreditam que as comunidades virtuais são equivalentes àquelas tradicionais, variando apenas no suporte. Já outros, recusam esses ambientes virtuais como comunidades autênticas devido à ausência de territorialidade deles. De qualquer forma, especialistas têm apresentado argumentos coerentes para a aplicação do conceito de comunidade no *ciberespaço*, já que suas características são semelhantes às comunidades *stricto sensu*.

Entre tais estudiosos destaca-se Reinghold (1994), um dos primeiros a utilizar o termo “comunidade virtual”, afirmando que esses espaços podem assim ser reconhecidos por levarem discussões públicas durante um considerável período (e ao mesmo tempo em que se formam relações sociais); ou Wellman (1999) que reconhece uma comunidade virtual como a simples transposição de uma comunidade tradicional para um novo suporte.

⁵ A esse respeito podem ser citadas algumas comunidades virtuais do Orkut como “Adoro escrever”, “Redação” e “Eu amo ler”. Disponíveis em www.orkut.com.

⁶ A expressão *letramento digital* ainda não está totalmente definida, possuindo diferentes conotações para diversos autores (alguns, por exemplo, consideram esse letramento em função das habilidades técnicas e outros dos aspectos cognitivos em relação ao uso do ambiente digital). O conceito recebe até mesmo outras denominações como “Letramento de Informação” e “E-Literacy”, entre outros, havendo ainda uma confusão conceitual e terminológica. Para mais informações ver BAWDEN, David. “Origins and concepts of Digital Literacy”. In: LANKSHEAR, Colin & KNOBEL, Michele. **Digital literacies: concepts, policies and practices**. New York/Washington DC/Baltimore, Bern/Frankfurt/Berlin/Brussels/Vienna: Peter Lang, 2008.

Seja como for, os ambientes virtuais em questão constituem-se como pontos de discussões públicas, encontros e reencontros, em que os indivíduos estão voluntariamente associados a outros com interesses compartilhados e cuja existência é afirmada “enquanto as pessoas realizarem trocas e estabelecerem laços sociais” (RECUERO, 2001).

A rede social aqui analisada, em particular, trata-se, irrevogavelmente, de um novo espaço de circulação da informação, do conhecimento e de reconfiguração de práticas do mundo real. A pesquisadora Komesu ao examinar a grande quantidade de associados ao *site* afirma que “O número expressivo confere ao *orkut* lugar de destaque dentre as redes sociais e é indicador, para o estudioso em Ciências Humanas, de material a ser investigado”. (KOMESU, 2007, p. 102).

Uma prática

Todo texto tem um sujeito, um autor (que fala, escreve) (BAKHTIN, 1997a, p. 330).

O que nos motiva à escrita ao longo de nossas vidas? Para quem escrevemos nossos textos? Em que contextos eles são produzidos?

Escrever é uma prática há muito arraigada em nossa sociedade. Ao folhearmos as páginas de um livro didático, por exemplo, poderemos, facilmente, encontrar exercícios que solicitam a elaboração de textos de diversos gêneros para alunos; em nosso dia-a-dia são diversas as práticas de letramentos em que temos de ler e escrever (bilhetes, *outdoors*, e-mails, legendas de filmes, rótulos de produtos etc). Ademais, em diversos exames, como concursos e vestibulares, além da formulação de respostas dissertativas, os candidatos têm de compor um tipo de texto bastante popular, a já conhecida *redação*.

Em grande parte dessas provas, a etapa que consiste em compor uma redação (geralmente uma narração, carta, ou dissertação) é um elemento altamente importante na contabilização da pontuação final e propicia uma

análise das habilidades e competências dos estudantes em ler, interpretar, articular ideias e apresentá-las de forma pertinente ao(s) seu(s) interlocutor(es).

O que se passa é que diante dos novos meios digitais, emergiu uma intensa preocupação com o reflexo de práticas da rede (como MSN, Orkut, Twitter e outros) nas produções textuais dos alunos. Muitos docentes assustaram-se, temendo que a norma culta pudesse ser apagada ou subvertida pelo alunado, agora, conectado à Internet ou mesmo que a consagrada leitura de livros impressos pudesse ser substituída pela leitura *hipertextual*. O resultado disso, muitas vezes, é a atitude coercitiva de alguns em ignorar o “momento digital” em que vivemos, mantendo formas tradicionais de se desenvolver leitura e escrita, a despeito de toda a vivência fora da escola que os alunos têm dessas atividades, principalmente, quando fazem uso do computador. De acordo com Buzato, “professor, aluno e computador, juntos, deveriam promover práticas de letramento que fossem satisfatórias”. (BUZATO, 2008).

Uma prática em outro(s) espaço(s)

Quem escreve no Orkut, sabe que não vai ser lido apenas pelo destinatário de sua mensagem, ao contrário, o enunciador no Orkut, sempre tem (e sabe que tem) muitos destinatários. (CRUVINEL, 2008, p. 43)

No Orkut, é bastante comum encontrarmos comunidades virtuais cujos temas tangem escrita de textos e nas quais os membros postam redações e solicitam avaliações destas. Neste processo, diversas pessoas interagem e, ao analisar essas práticas, é plausível descobrirmos os conceitos desses sujeitos em relação ao ato de escrever, bem como sistematizar os critérios de elaboração e correção desses textos que, quase sempre, dialogam com atividades de produção gráfica do mundo real, uma vez que grande parte das redações compartilhadas na rede visa objetivos escolares.

Segundo Cabral (1994), uma das maneiras pelas quais podemos analisar um texto é por meio da "co-avaliação", ou seja, uma apreciação conjunta. Tal procedimento é usualmente adotado pelos membros de algumas comunidades virtuais⁷ do Orkut, em tópicos como os que podem ser observados na figura a seguir:

<input type="checkbox"/> AVALIA?	JULIANA	3	11 abr
<input type="checkbox"/> Avaliem por favor!	Camilo	5	9 abr
<input type="checkbox"/> Interpretação de Frase	Off	5	8 abr
<input type="checkbox"/> Que nota vcs dariam para essa redação?	KaKaroto	3	8 abr
<input type="checkbox"/> Avaliem meu texto, por favor...	Sr. Paulo	15	7 abr
<input type="checkbox"/> ajuda ae tenho que fazer uma redação sobre isso	Tijolinho	5	7 abr
<input type="checkbox"/> Ajudinha...	Tiago	2	7 abr
<input type="checkbox"/> Avaliem, por favor!	nonis	4	7 abr
<input type="checkbox"/> Poesias	Cauê	5	5 abr
<input type="checkbox"/> Mais um texto, avaliem :)	• Jess	6	2 abr
<input type="checkbox"/> Texto dissertativo-argumentativo.	Vestibulanda	16	1 abr
<input type="checkbox"/> Avaliem urgente, por favor)	*	5	31 mar
<input type="checkbox"/> Ajuda..	nonis	0	31 mar
<input type="checkbox"/> Sou " Nós "	Pietro	5	31 mar
<input type="checkbox"/> Redação - correção e dicas (urgente)	*Julia	4	30 mar
<input type="checkbox"/> Avaliem!	Thais	2	29 mar
<input type="checkbox"/> Avalie ? "-"	× Kiiiiηηα ×	3	27 mar
<input type="checkbox"/> nesse caso como faço?	Vivi	2	27 mar

primeira | < anterior | próxima > | última

Figura 1 – Alguns tópicos de fóruns da comunidade virtual do Orkut "Livros, Textos e Redação". Disponível em www.orkut.com

Os associados a comunidades virtuais com este tipo de funcionamento, geralmente, têm seus textos analisados por mais de uma pessoa, podendo interagir com seu(s) corretor(s) e comparar avaliações, inclusive em alguns casos distintas, de um usuário para outro, ainda que relativas a um mesmo

⁷ Em nossa pesquisa de mestrado são analisadas mais minuciosamente as comunidades virtuais do Orkut "Livros, textos e redação", "Redigir redação", "Aprendendo redação" e "Eu amo redação".

texto. Desta forma, verifica-se, na rede, a ideia apresentada por Marcuschi de que “escrever é oferecer algo para ler”. (MARCUSCHI, 2005, p. 13).

Além disso, parece que os sujeitos que compartilham suas redações em comunidades do Orkut teriam não somente um único, porém, uma gama de interlocutores, a despeito do que se passa na escola, como menciona Pécora (1981) ao declarar a ausência de um interlocutor para a redação escolar ou mesmo de Britto (1983) que aponta o docente como “o” interlocutor das produções textuais dos alunos. Antes, dentro da rede virtual, a enunciação (focalizando aqui a escrita de redações) parece aproximar-se da concepção bakhtiniana de que “mesmo que não haja um interlocutor real, esse pode ser substituído pelo representante médio do grupo social ao qual pertence o locutor. A palavra dirige-se a um interlocutor”. (BAKHTIN, 1997b, p. 112)

Ao analisar as produções textuais postadas no Orkut e as avaliações delas feitas pelos outros membros, notamos, claramente, alguns níveis de formação dos textos, como a “planificação”, “a textualização” e a “revisão”. (DAHLET, 1994). O primeiro nível pode ser observado em postagens nas quais os membros discutem acerca dos temas sobre os quais escreverão, trocam informações e explicações, planejam suas produções escritas, entre outros procedimentos. Um exemplo ilustrativo deste nível pode ser lido na troca de *scraps* transcrita abaixo:

(1) *Scrap* do sujeito A:

Duvida... redação ou cronica?

A minha professora pediu pra gente escrever uma cronica sobre Sorte
pois bem, eu acho que me confundi
pois comecei a contar sobre a sorte da minha vida,
começa assim:

*nos ultimos tempos, não estou com sorte. mudei de cidade, deixei meus amigos, minha cidade natal, as pessoas que eu mais amo.
mas se deus quiser voltarei para minha cidade, isto é o que eu mais peço a deus!
aqui aonde estou morando não fiz muitos amigos e tbm já vi que não posso confiar nas pessoas....*

não fico nesta ordem, mais fala sobre isto

bem, isto é uma cronica ou uma redação???

Figura 2 – Postagem de sujeito do Orkut

(2) *Scrap* do sujeito B:

""
Cara , dei uma pesquisada basica aqui pois realmente fiquei curioso , observei que para ser uma cronica acredito que esteja faltando algumas características diferenciadoras como ficção , fantasia e e criticismo , que um texto informativo nao possui .

Figura 3 – Postagem de sujeito do Orkut

(3) *Scrap* do sujeito C:

cronica versus redação
É uma crônica e uma redação. A crônica fala de temas cotidianos, é a reflexão do autor sobre algo que tenha visto ou vivido e não tem nem forma nem temas fixos.

Redação é um termo genérico que a escola usa, não uma categoria literária.

Figura 4 – Postagem de sujeito do Orkut

A partir destes *scrapbooks*/comentários trocados entre os participantes da comunidade "Livros, Textos e Redação", verifica-se a existência de uma discussão em torno de gêneros textuais, em que o orkuteiro A decide partilhar uma situação de produção com os demais do grupo, transcrevendo o trecho de um texto que fizera na escola, a fim de esclarecer suas dúvidas. Ele obtém respostas de seus companheiros de comunidade, que, apesar de fornecerem explicações diferentes, tencionam satisfazer aos seus questionamentos.

Contudo, não são somente impressões pessoais, dúvidas e explicações sobre textos que serão ou que já foram produzidos que circulam nas comunidades virtuais. Nelas, há postagens de produções integrais dos usuários e, às vezes, até reescrituras pelas quais verificamos o nível de produção textual conhecido como "textualização" (DAHLET, 1994). Abaixo se encontra um caso deste tipo:

20/09/09

Tema: A crise dos valores ético morais no Brasil

Nos últimos anos a política brasileira tem sido manchada por várias denúncias e escândalos de corrupção. Político, para a maioria da população, é na maioria das vezes considerado sinônimo de ladrão e política, mesmo sendo uma das bases de uma sociedade moderna, é evitada. É fato que a corrupção é inerente ao ser humano e presente em todos os cantos do planeta, mas no Brasil essa fraqueza moral tornou-se uma mazela social. Não são somente políticos que são permeados por essa derrocada de valores ético-morais, mas todos os segmentos da sociedade.

Além do futebol e do samba, o brasileiro é conhecido pelo seu "jeitinho". Atravessam o semáforo no vermelho, jogar papel na rua, pagam propina e usurpam a máquina pública em função do próprio bem. O que não se sabe é de onde surgiu tal costume, quais são as origens desse comportamento.

A história brasileira é útil para que se entenda este fenômeno. Começando pelo período colonial, as naus portuguesas além de espelhos, pentes e imagens sacras, trouxeram também indivíduos da pior estirpe da metrópole. Com uma independência alcançada sem nenhuma participação popular, assim como todo evento história nesta terra, os séculos seguintes foram marcados por uma política de troca de favores e benevolente com os interesses das classes dominantes.

Essa malandragem, então, tem origens históricas. A herança ibérica e os mais de 500 anos de história foram fundamentais pelo "senso moral deprimido", pela "fealdade", pela "psicose coletiva", pela "degenerescência intelectual" que impediu a terra do tupi-guarani de viver "num meio mais adiantado".

**Para quem leu, desde já agradeço.
O que vocês acham deste artigo?**

Figura 5 – Primeira versão do texto de um membro disponibilizada na comunidade virtual "Livros, textos e redação". Disponível em www.orkut.com

Versão corrigida

Nos últimos anos a política brasileira tem sido manchada por várias denúncias e escândalos de corrupção. O político é, para a maioria da população, considerado sinônimo de ladrão e política, mesmo sendo uma das bases de uma sociedade moderna, é evitada. Está comprovado por sociólogos e psicólogos que a corrupção é inerente ao ser humano e presente em todos os cantos do planeta, mas no Brasil essa fraqueza moral tornou-se uma mazela social. Não são somente políticos que são permeados por essa derrocada de valores ético-morais, mas todos os segmentos da sociedade.

Além do futebol e do samba, o brasileiro é conhecido pelo seu "jeitinho". Muitas vezes atravessa o semáforo no vermelho, joga papel na rua, paga propina e usurpa a máquina pública em função do próprio bem. O que não se sabe é de onde surgiu tal costume, quais são as origens desse comportamento.

A história brasileira é um instrumento para que se entenda este fenômeno. Começando pelo período colonial, as naus portuguesas além de espelhos, pentes e imagens sacras, trouxeram também indivíduos da pior estirpe da metrópole. Com uma independência alcançada sem nenhuma participação popular, assim como todo evento história nesta terra, os séculos seguintes foram marcados por uma política de troca de favores e benevolente com os interesses das classes dominantes.

Essa malandragem, então, tem origens históricas. A herança ibérica e os mais de 500 anos de história foram fundamentais pelo "senso moral deprimido", pela "fealdade", pela "psicose coletiva", pela "degenerescência intelectual" que impediu a terra do tupi-guarani de viver "num meio mais adiantado".

Figura 6 – Versão reescrita do texto acima e também disponibilizada na comunidade virtual "Livros, textos e redação". Disponível em www.orkut.com

Nota-se, neste caso, que o autor do texto, depois de divulgar sua produção para a comunidade, voltou-se a ela, reescrevendo-a, a partir de uma revisão pessoal, bem como de acordo com os apontamentos feitos por interlocutores que indicaram alguns problemas relativos à argumentação e mesmo em relação a certas construções verbais que não respeitavam à concordância como "atravessam o semáforo no vermelho" quando o sujeito era "brasileiro" e que foram consertados na segunda versão.

Além dessa revisão elaborada pelo próprio autor, que refaz seu texto e posta o resultado no Orkut, abordaremos o fenômeno denominado "co-avaliação" (CABRAL, 1994), na medida em que há uma correção pública e, muitas vezes conjunta, dos textos disponibilizados, sendo a estratégia de correção mais recorrente nessas comunidades virtuais a reescrita. Trata-se de um procedimento bastante usual em que um sujeito reescreve passagens supostamente problemáticas do texto de outrem e este, que teve sua redação corrigida, através da comparação entre seu texto e o reescrito pelo corretor deveria entender, a partir dos itens modificados, o que seria necessário alterar. Vejamos os exemplos:

[1] *"Ela aborda também diversos pontos de vista de conceituados autores em que cada um deles, com sua própria forma de percepção chegam a uma mesma conclusão:"* (texto original)

- Não use o pronome 'ela', já que há mais de um nome feminino no singular a ser recuperado. Melhor usar 'Gisele', mesmo. E a frase ficou um pouco confusa. Sugestão de **reescrita** (e repare na conjugação): "Para isso, Gisele analisa pontos de vista de diversos autores conceituados. **Cada um deles**, com sua própria forma de percepção, **chega** à mesma conclusão: (Postagem transcrita de um fórum da comunidade "Livros, Textos e Redação". Disponível em www.orkut.com)

[2] "Ou seja, construir uma identidade é fundamental e benéfico, porém até determinado ponto, o do preconceito e da intolerância." Construir uma identidade nacional é imprescindível e benéfico, porém devemos ser respeitosos nessa construção para que não ultrapassemos os limites do preconceito e da intolerância. (Postagem transcrita de outro fórum da comunidade "Livros, Textos e Redação". Disponível em www.orkut.com)

No primeiro exemplo, o corretor da redação explicita as partes da escrita que considerou equivocadas, justificando suas correções para, posteriormente, fazer uma sugestão ao reescrever o texto. Além da retextualização, observe que o corretor destaca entre parênteses o que considera merecedor de maior atenção por parte de seu destinatário, ou seja, o autor do texto em questão. No segundo exemplo, entretanto, o corretor apenas reescreve o texto sem nada comentar, de modo que seu destinatário necessita cotejar o que havia escrito inicialmente com a nova versão sugerida para seu texto pelo corretor e inferir possíveis erros, verificando o que foi alterado. Modelo este muito comum no ambiente escolar no qual o professor apenas apresenta um exemplo de como o aluno deveria desenvolver seu texto, geralmente, sem justificativas. Seja como for, constatamos que a reescrita (justificada e explicada ou não) é uma das formas de correção mais comuns nas comunidades virtuais examinadas.

Conclusão

A fim de encerrar este artigo, no qual tratamos de algumas questões que estão inseridas em uma pesquisa⁸ por nós desenvolvida, gostaríamos de destacar, a partir do que foi explicitado, que hoje se tornou impreterível o reconhecimento de ambientes virtuais, tais como a rede social Orkut, como espaços que comportam práticas de leitura e escrita que podem ser benéficas àqueles que se utilizam do *ciberespaço* e que, em alguma medida, atuam em contextos *off-line*: escrevendo redações escolares, bilhetes, cartas etc.

Assim, torna-se preconceituoso caracterizar tais redes como potenciais destruidoras do saber e da norma culta da língua, uma vez que nesses *sites*, como verificamos por intermédio dos exemplos analisados aqui, existe práticas

⁸ A pesquisa de mestrado em questão, que teve início em março de 2010 e recebe o apoio financeiro da CAPES, inserindo-se no Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL-UNICAMP), é desenvolvida pela mestrandia Flávia Danielle Sordi Silva sob a orientação da Prof^a. Dr^a Raquel Salek Fiad.

que convergem para a construção de conhecimento, tanto individual quanto coletivo. Ignorar essas novas ferramentas tecnológicas, como muitas vezes a escola faz, pode ser prejudicial aos estudantes, convertendo a instituição em um meio obsoleto e até alienado às atividades comuns desenvolvidas (e apreciadas) pelos alunos fora dela. O que caberia a nós, educadores e aprendizes nessa nova ordem, portanto, seria o conhecimento e investigação sobre tais práticas, para antes usarmos suas virtudes e as possibilidades de ação, ainda que tal postura seja trabalhosa e se depare com conflitos de poder.

Referências

ANTUNES, Irandé. *Lutar com palavras: coesão e coerência*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

_____. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BERGMANN, Leila Mury. Manifestações dos alunos sobre professores/escola. In: SIGET - Simpósio Internacional de Estudos de Gêneros Textuais, IV, 2007, Tubarão. *Anais...* Tubarão: SIGET - Simpósio Internacional de Estudos de Gêneros Textuais, IV, 2007, p. 1-12.

BONINI, Adair. Metodologias de ensino de produção textual: a perspectiva da enunciação e o papel da psicolinguística. In: *Perspectiva*, Florianópolis, v.20, n.1, p.23-47, jun, 2002.

BRASIL. Ministério da Educação. *Parâmetros Curriculares Nacionais: ensino médio – Parte II Linguagens, Códigos e suas Tecnologias*. Brasília: MEC/SEF, 2000.

BRITTO, Percival Leme. Em terra de surdos-mudos (um estudo sobre as condições de produção de textos escolares). In: *Trabalhos em Linguística Aplicada*, Campinas, n.2, p.149-167, 1983.

BUZATO, Marcelo El Khouri. Entrevista. In: *A Gazeta*. Disponível em http://gazetaonline.globo.com/index.php?id=/local/a_gazeta/materia.php&cd_materia=475813. Acesso em 26 de out. 2008.

CABRAL, Manuela. Avaliação e escrita: um processo integrado. In: FONSECA, Fernanda Irene (Org.). *Pedagogia da escrita: perspectivas*. Porto: Porto, 1994.

CASTELLS, Manuel. Internet e sociedade em rede. In: MORAES, Dênis de. (Org). *Por uma outra comunicação: mídia, mundialização cultural e poder*. Rio de Janeiro: Record, 2004.

CRUVINEL, Monica Vasconcelos. *Rastros virtuais de uma morte (a)enunciada: uma análise do discurso do suicídio pelas páginas "brasileiras" do Orkut*. 2008. Dissertação (Mestrado) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2008.

DAHLET, Patrick. A produção da escrita: abordagens cognitivas e textuais. In: *Trabalhos em Linguística Aplicada*, Campinas, n. 23, p. 79-95, 1994.

FIAD, R. S. Reescrita de textos: uma prática escolar e social. In: *ORGANON*, Porto Alegre, vol. 23, n. 46, p. 147-159, 2009.

FREITAS, Maria Teresa de Assunção; COSTA, Sérgio Roberto. *Leitura e escrita de adolescentes na internet e na escola*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

KOMESU, Fabiana. Internetês para interneteiros: (velhas questões) sobre escrita. In: *Estudos Linguísticos XXXVI* (3), Araraquara: UNESP/UNIP, setembro-dezembro, p.100-107, 2007.

LANKSHEAR, Colin; LEANDER, Kevin M. Social science research in virtual realities. In: SOMEKH, Bridget; LAWIN, Cathy (Eds.). *Research methods in the social sciences*. London: Sage Publications, 2005.

LANKSHEAR, Colin; KNOBEL, Michelle. *Digital literacies: concepts, policies and practices*. New York/Washington DC/Baltimore, Bern/Frankfurt/Berlin/Brussels/Vienna: Peter Lang, 2008.

LEMKE, Jay L. Travels in hypermodality (Working draft). In: *Visual Communication*, vol. 1, n. 3, pp. 299-325, 2002. Disponível em <http://academic.brooklyn.cuny.edu/education/jlemke/>. Acesso em 03 de mar. 2011.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 2003.

_____. *As tecnologias da inteligência*. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1999.

MARCUSCHI, Luís. Antônio. A questão do suporte dos gêneros textuais. In: *Língua, linguística e literatura*, João Pessoa, v. 1, n.1, p. 9-40, 2003.

_____. Tudo o que você queria saber sobre como construir um bom texto sem se estressar. In: ANTUNES, Irandé. *Lutar com palavras: coesão e coerência*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005, p.11-13.

MARTINS, Cláudia. Cristiane Levandosky. *Gêneros digitais e a escrita no Orkut: reconfiguração do gênero bilhete*. Dissertação (Mestrado) – Ciências da Linguagem da Universidade do Sul de Santa Catarina. Tubarão, 2007.

O'REILLY, Tim. *What is web 2.0: design patterns and business models for the next generation of software* (web article), 2005. Disponível em: <http://oreilly.com/web2/archive/what-is-web-20.html>. Acesso em 07 de jan. 2010.

PÉCORA, Alcir. *Problemas de redação*. São Paulo: Martins Fontes, 1981.

PRIMO, A. F. T. A emergência das comunidades virtuais. In: Intercom 1997 - Congresso Brasileiro de Ciências da Computação, 20, 1997, Santos. *Anais...* Santos, 1997.

RECUERO, Raquel da C. Comunidades Virtuais – uma abordagem teórica. In: Seminário Internacional de Comunicação, 5, 2001, Porto Alegre. *Anais...* Porto Alegre, 2001.

_____. Teoria das redes sociais e redes sociais na internet: considerações sobre o Orkut, os weblogs e os fotologs. In: Intercom, 27, 2004, Porto Alegre. *Anais...* Porto Alegre, 2004.

RHEINGOLD, Howard. *La comunidad virtual: una sociedad sin fronteras*. Barcelona: Gedisa Editorial. Colección Limites de La Ciencia, 1994.

ROJO, Roxane. *Letramentos múltiplos, escola e inclusão social*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

SANTAELLA, Lucia. *Culturas e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura*. São Paulo: Paulus, 2003.

WELLMAN, Barry; MILENA, Gulia. Virtual Communities as Communities: net surfers don't ride alone. In: KOLLOCK, Peter; SMITH, Marc (Eds.). *Communities in cyberspace*. New York: Routledge, 1999.

Enviado em junho de 2011.

Aceito em dezembro de 2011.